

O COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE PESCADO E O ETNOCONHECIMENTO DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO, TOCANTINS, BRASIL

FISH CONSUMPTION BEHAVIOR AND ETHNOKNOWLEDGE OF ARTISAN FISHERMEN AND FISHERWOMEN IN THE BICO DO PAPAGAIO REGION, TOCANTINS, BRAZIL

COMPORTAMIENTO DE CONSUMO DE PESCADO Y CONOCIMIENTOS ÉTNICOS DE PESCADORES Y PESCADORAS ARTESANALES DE LA REGIÓN DE BICO DO PAPAGAIO, TOCANTINS, BRASIL

Carolynne Ribeiro Gomes Dias

Mestrando em Ciências do Ambiente pelo Programa em Pós Graduação de Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: diascarolyne4@gmail.com,br | [Orcid.org/0000-0002-4868-7652](https://orcid.org/0000-0002-4868-7652)

Elineide Eugênio Marques

Professora Doutora do Departamento de Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: emarques@mail.uft.edu.br | [Orcid.org/0000-0003-0223-6853](https://orcid.org/0000-0003-0223-6853)

Adriano Prysthon

adriano.prysthon@embrapa.br | [Orcid: 0000-0002-8534-3330](https://orcid.org/0000-0002-8534-3330)

ABSTRACT:

Fishing has developed parallel to the involvement of human communities with aquatic environments and continues to play an important role in ensuring food availability for various communities. Amazonian communities rely on small-scale professional fishermen who, together with their families, provide good quality animal protein in the form of diverse fish species in local and regional markets. Furthermore, fishing is also a cultural and traditional activity, with family ties that involve the passing down of customs, work methods, and consumption of fish. In this context, the presente study aimed to understand the dynamics of fish production and consumption in fishing colonies located on the middle-upper Araguaia River, in the state of Tocantins. This objective was achieved by implementing and systematizing focus groups with fishermen associated with the region's fishing colonies during the 2024 spawning season. In this contexto in Esperantina, the municipality with the smallest urban area, presented the greatest variety of species and the highest consumption. Being a counterpoint to the more urbanized municipalities of Araguatins and Xambioá, which allocate more fish for sale and report fewer species, the information is such that it shows that fishing is unique and particular even in nearby regions, demanding a specific tool so that each location is adequately served by possible public policies.

KEYWORDS: Traditional knowledge; Professional fishing; Food subsistence.

RESUMO:

A atividade da pesca se desenvolveu com as sociedades humanas associadas aos ambientes aquáticos e ainda exerce um papel importante na disponibilidade alimentar para diversas comunidades. As comunidades amazônicas possuem em sua estrutura produtiva o pescador profissional de pequena escala que, junto com seu núcleo familiar, disponibilizam proteína animal de boa qualidade no modo de diversificadas espécies de peixe nos mercados locais e regionais. Além disso, a pesca é, também, uma atividade cultural e tradicional, com ligações familiares de passagens de costumes e modo de trabalho e de consumo da própria produção. Nesse contexto, este estudo visou entender as dinâmicas de produção e consumos de pescado em colônias pesqueiras situadas no médio - alto rio Araguaia, estado do Tocantins. Tal objetivo foi alcançado por meio da realização e sistematização de grupos focais com os pescadores e pescadoras associados às Colônias de Pescadores da região durante a época de piracema de 2024, apresentando em Esperantina, o município com menor área urbana uma maior variedades de espécies citadas e maior destinação para consumo sendo um contra ponto para os municípios mais urbanizados de Araguatins e Xambioá que destinam o pescado mais para venda e relataram menos espécies, informações essas que destacam que a pesca é única e particular até mesmo em regiões próximas, demandando um olhar particular para cada localidade ser atendida da maneira adequada, por eventuais políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento tradicional; Pesca profissional; Subsistência alimentar.

RESUMEN:

La pesca se ha desarrollado en paralelo con las sociedades humanas vinculadas a entornos acuáticos y continúa desempeñando un papel fundamental en la disponibilidad de alimentos

para muitas comunidades. Las comunidades amazónicas dependen de pescadores artesanales profesionales como parte de su estructura productiva; estos, junto con sus familias, suministran proteína animal de alta calidad en forma de diversas especies de peces a los mercados locales y regionales. Además, la pesca constituye una actividad cultural y tradicional, con vínculos familiares que implican la transmisión de costumbres, métodos de trabajo y patrones de consumo. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo comprender la dinámica de producción y consumo de pescado en las comunidades pesqueras ubicadas en el curso medio-alto del río Araguaia, en el estado de Tocantins. Este objetivo se alcanzó mediante la realización y sistematización de grupos focales con pescadores y pescadoras vinculados a las colonias pesqueras de la región, durante la temporada de piracema de 2024. Se observó que en Esperantina, el municipio con menor área urbana, se reportó una mayor variedad de especies y un mayor volumen destinado al consumo propio, en contraposición a los municipios más urbanizados, como Araguatins y Xambioá, que destinan mayor proporción de la pesca a la venta y reportan una menor diversidad de especies. Esta información pone de relieve que la pesca es una práctica única y particular, incluso entre regiones geográficamente próximas, lo cual exige una atención específica para cada localidad a fin de ser adecuadamente contemplada por las políticas públicas.

PALABRAS CLAVE: Conocimientos tradicionales; Pesca profesional; Alimentación de subsistencia.

INTRODUÇÃO

A pesca, enquanto uma atividade produtiva extrativista, se configura como uma prática histórica, com profundas raízes culturais e sociais, presente em diversas comunidades ao redor do mundo. As comunidades humanas, ao se fixarem ao redor de corpos d'água, como rios e lagos, desenvolveram uma relação íntima com esses ambientes. Até os dias atuais, essa dinâmica de relação com o meio ambiente, especialmente por meio da pesca artesanal, se mantém como parte integrante das culturas de inúmeras regiões (Silva, 2014).

Com o advento da urbanização e a intensificação das relações econômicas capitalistas, o caráter da pesca mudou. Ramalho (2008) discute como essa mudança ocorreu no período colonial brasileiro, quando a troca ou venda do pescado deixou de ser uma prática secundária para se tornar a principal motivação da atividade pesqueira, à medida que a produção visava atender a mercados maiores, e não apenas ao consumo familiar. Porém mesmo nesse contexto a pesca continental, sendo diretamente influenciada pelos ritmos e variações sazonais dos rios e lagos naturais, mantém uma relação profunda com os ciclos da natureza. Hallwass et al. (2013) destacam que as técnicas pesqueiras tradicionais estão intimamente ligadas aos fenômenos naturais e a uma compreensão de longo prazo sobre os ecossistemas aquáticos, com os pescadores adaptando suas práticas conforme o pulso do rio e o comportamento das espécies.

A relevância dessa atividade para as comunidades pesqueiras não se limita ao aspecto econômico, mas está também intimamente ligada ao seu papel cultural e nutricional. A pesca oferece alimentos de alta qualidade, com uma diversidade de espécies que atendem às necessidades alimentares das comunidades, sendo um recurso vital para a segurança alimentar (Almeida, 2018). Contudo, surge a questão de como essa produção é consumida, tanto pelos

próprios pescadores e suas famílias, quanto pela comunidade em geral. Quais espécies são mais consumidas? Como o pescado contribui para a dieta local?

No caso dos pescadores e pescadoras artesanais do estado do Tocantins, a interação entre os conhecimentos tradicionais e o conhecimento científico oferece uma perspectiva enriquecedora sobre as práticas pesqueiras e o impacto dessas atividades no meio ambiente. A participação ativa dos pescadores nas discussões e no processo de compreensão das dinâmicas locais de pesca é essencial para um entendimento mais profundo das interações socioecológicas na região. Silva et al. (2024) defendem que a inclusão dos pescadores como agentes ativos no processo de pesquisa é fundamental, pois seus conhecimentos empíricos proporcionam insights cruciais sobre as práticas de pesca e os recursos naturais da região.

Além disso, a pesquisa sobre o etnoconhecimento, entendido como o saber prático dos pescadores, oferece uma ferramenta importante para direcionar futuras investigações científicas. Quirino (2015) destaca que o etnoconhecimento, quando devidamente reconhecido e valorizado, pode ser utilizado como um caminho para o sucesso das atividades de pesquisa e gestão, uma vez que ele reflete a experiência prática acumulada ao longo do tempo. Ao integrar esse conhecimento tradicional com as abordagens científicas, é possível desenvolver estratégias de gestão pesqueira que sejam, não apenas eficazes, mas também alinhadas com as realidades e as necessidades das comunidades pesqueiras. Dessa forma, é possível garantir a sustentabilidade das atividades pesqueiras.

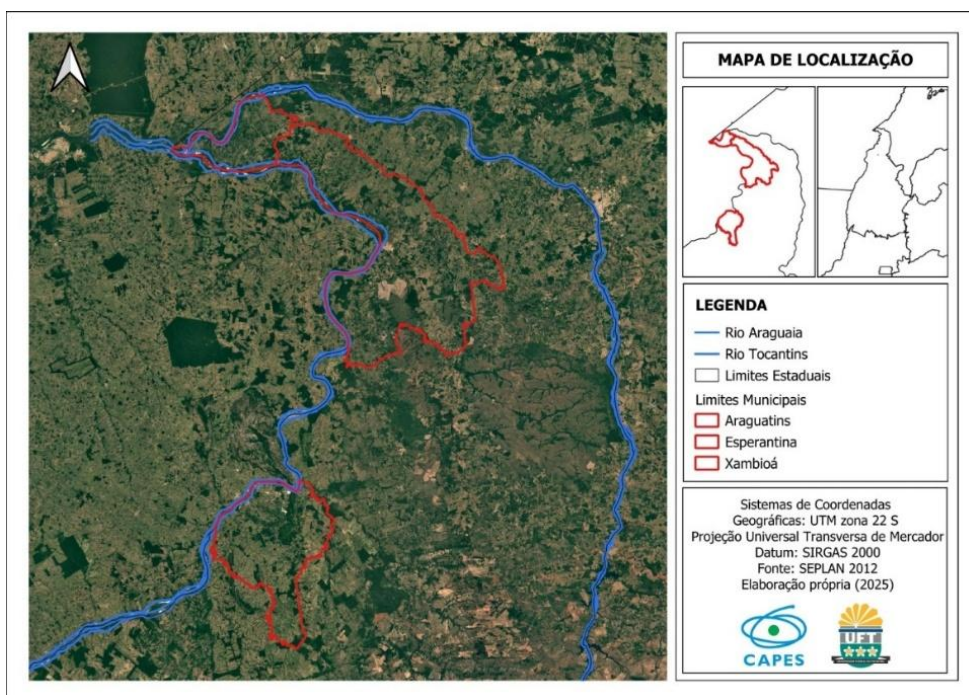
METODOLOGIA

No contexto de que a pesca é uma atividade realizada há séculos, temos diversas informações e discussões sobre seus padrões e comportamento. Partindo desse pressuposto, uma pesquisa que visa descrever e entender um comportamento específico da atividade melhor se molda nas linhas do método dedutivo, que Diniz (2008) descreve como um método que baseia seus caminhos por meio de verdades já previamente conhecidas. Seguindo essa linha, para um melhor entendimento da problemática e suas ramificação essa pesquisa é de natureza aplicada, qualitativa e explicativa. Para alcançar os objetivos do projeto, atividades de reuniões prévias com posteriores grupos focais com comunidades selecionadas foram realizadas, como descrito na metodologia do presente trabalho.

Comunidades de estudo

O público foco do presente trabalho foram pescadores artesanais de três municípios do estado do Tocantins, os quais ficam na microrregião do Bico do Papagaio, sendo eles Xambioá, Araguatins e Esperantina (Figura 1), todos banhados pelo rio Araguaia em suas fronteiras oeste, com seus perímetros molhados apresentados na tabela 1. É importante ressaltar que o município de Esperantina também é banhado pelo rio Tocantins em sua margem leste.

Figura 1 - Mapa de localização dos municípios de Xambioá, Araguatins e Esperantina - TO.



Fonte: Autoras

Tabela 1 - Dados geofísicos e sociais dos municípios de estudo.

Dados	Xambioá	Araguatins	Esperantina
Habitantes	10.517	31.918	7.530
Filiados na colônia	159	1.237	816
Perímetro (km)	225,41	349,78	122,75
Perímetro molhado (km)	42,1	103	74,6
Área (km ²) IBGE	1.190,489	2.297,3	504,02

Fonte: Autoras

Situado na margem direita do Rio Araguaia, o município de Xambioá, localizado no estado do Tocantins, encontra-se a uma altitude de 141 metros. Com uma população atual de 10.517 habitantes (IBGE, 2022), Xambioá se encontra limítrofe pelo rio Araguaia com a cidade de São Geraldo do Araguaia, no estado do Pará, localizada na margem oposta do rio. Essa proximidade geográfica entre as duas cidades resulta em uma dinâmica de interação socioeconômica significativa, marcada por trocas comerciais, culturais e uma relação conjunta com o Rio Araguaia, que desempenha um papel central na vida cotidiana e nas atividades produtivas das comunidades locais.

Localizado na microrregião do Bico do Papagaio (Figura 1), o município de Araguatins está situado a uma altitude de 103 metros, às margens do Rio Araguaia, um dos mais importantes cursos d'água da região. Com uma área territorial de 2.297,3 km², o município desempenha um papel estratégico tanto no contexto geográfico quanto econômico, abrigando uma população de aproximadamente 31.918 habitantes, segundo estimativas do IBGE (2022). A proximidade com o rio oferece não apenas uma fonte de subsistência para muitas famílias,

como também potencializa atividades econômicas como a pesca, a agricultura irrigada e o turismo fluvial.

Esperantina é um município situado no extremo norte do estado do Tocantins, entre os rios Araguaia e Tocantins, na região conhecida como "Bico do Papagaio" (figura 2). Localizado a 680 km da capital do Estado, Palmas, ocupa uma área de 504,02 km² (IBGE, 2022). Esta área, que integra a zona de transição entre o cerrado e a floresta amazônica, é marcada por uma grande biodiversidade, com uma flora e fauna bastante variadas, que atraem pesquisadores, turistas e aqueles que dependem diretamente dos recursos naturais para sua subsistência.

REUNIÕES COM AS COMUNIDADES

No contexto da pesquisa, a metodologia aplicada foi fundamentada no trabalho de Aschidamini e Saupe (2004), que propuseram as visões sincrética, analítica e sintética como pilares para o planejamento de atividades investigativas. Essas perspectivas destacam a importância de estruturar a pesquisa com base em uma compreensão abrangente da realidade estudada, integrando as experiências dos participantes como elemento central para a geração de dados. Nesse sentido, o planejamento levou em consideração os perfis variados dos participantes, desde que estes compartilhassem o ponto central da investigação — a relação com a pesca.

O número de reuniões foi adaptado à complexidade do estudo, resultando em uma sessão em cada comunidade, realizada entre os dias 4 e 6 de dezembro de 2024, nas sedes das colônias. Para maximizar a participação, as sessões foram planejadas com uma média de duas horas, respeitando as rotinas e o conforto dos envolvidos. O Guia de Temas (abaixo), elaborado com base nos objetivos do estudo e nas especificidades locais, buscou explorar as múltiplas dimensões da relação das comunidades com o pescado, tanto em seu ambiente natural quanto no contexto do consumo doméstico.

Guia de Temas

1. Espécies de Consumo
 - a. Verão
 - b. Inverno
 - c. Ano todo
2. Espécies de Comercialização
 - a. Verão
 - b. Inverno
 - c. Ano todo

A análise dos dados foi conduzida com base na metodologia de análise de discurso, descrita inicialmente por Coracini (1991), que identificou o discurso como um fenômeno multifacetado, podendo ser entendido como sinônimo de fala, unidade superior à frase, matriz de textos e processo social e linguístico articulado.

Com o passar do tempo, a análise do discurso foi aprofundada e refinada por outros autores, como Gondim e Fisher (2009), que abordaram sua aplicação em estudos sociais, e Silva

e Araújo (2017), que destacaram sua relevância em contextos contemporâneos. Esses estudos serviram como embasamento teórico para a aplicação do método no presente trabalho, permitindo interpretar o discurso não apenas como um conjunto de enunciados, mas como uma ferramenta capaz de revelar as relações sociais, culturais e ambientais que moldam as práticas e percepções das comunidades pesquisadas. A análise discursiva possibilitou, assim, uma compreensão aprofundada das narrativas dos pescadores, contextualizando suas experiências em um cenário mais amplo.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Durante todo o processo de atividades junto às comunidades abordadas, foi aplicado o método de observação participante, realizado pela pesquisadora por meio do registro em caderno de campo escrito, complementado por notas de voz que foram posteriormente transcritas para análise. A observação participante, conforme descrita por Correia (2009), é uma técnica de investigação amplamente utilizada em estudos qualitativos, frequentemente complementada por outros métodos, como os grupos focais e as entrevistas semiestruturadas aplicadas no presente trabalho. Esses métodos foram guiados por critérios previamente estabelecidos, alinhados aos objetivos da pesquisa, para garantir que a coleta e a análise de dados fossem conduzidas de maneira sistemática e rigorosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESPÉCIES IDENTIFICADAS NAS REUNIÕES PRÉVIAS

Durante as reuniões, foram levantadas as espécies de maior interesse para a pesca comercial e as de preferência pessoal para consumo no dia a dia, revelando padrões distintos entre as localidades analisadas. Em Xambioá, os pescadores citaram oito espécies de interesse comercial e sete de preferência para consumo, demonstrando uma relação relativamente equilibrada entre as categorias. A proximidade entre os números indica que, embora a pesca comercial seja relevante, há uma forte conexão com a subsistência, evidenciada pela importância dada às espécies consumidas no cotidiano. A diversidade de espécies citadas em ambas as categorias sugere que a pesca em Xambioá é fortemente influenciada pela oferta disponível e pelas preferências culturais da comunidade local.

Em Araguaatins, os pescadores relataram 18 espécies de interesse comercial e nove de interesse de consumo. Esse maior número de espécies destinadas à venda, em comparação com as de consumo, reflete o caráter predominantemente mercantil da pesca nessa localidade. A discrepância entre as categorias pode estar relacionada à urbanização mais intensa em Araguaatins, o que resulta em maior integração com mercados regionais e menor dependência da pesca para subsistência direta. Apesar disso, a presença de nove espécies para consumo pessoal evidencia que a prática ainda possui relevância cultural e nutricional, embora em menor escala.

Esperantina apresentou os maiores números de espécies mencionadas, com 22 de interesse comercial e 15 de interesse para consumo próprio. Esse destaque reflete tanto a biodiversidade local quanto a importância da pesca artesanal para a economia e a alimentação da comunidade. A sobreposição significativa entre as categorias sugere que os pescadores de

Esperantina tendem a capturar e consumir espécies amplamente disponíveis, alinhando o consumo pessoal com as oportunidades de comercialização. Essa estratégia pode ser vista como uma forma de otimizar os recursos aquáticos locais, ao mesmo tempo que atende às demandas do mercado e das necessidades alimentares da comunidade. É importante ressaltar que as espécies foram citadas por seus nomes populares (os usuais das comunidades) e posteriormente identificadas por meio de observação in-loco e de imagens de pescarias da região.

A análise comparativa entre as localidades revela diferenças marcantes nos padrões de uso dos recursos pesqueiros. Xambioá apresenta uma relação equilibrada entre comercialização e consumo, refletindo uma dinâmica em que a pesca artesanal atende tanto às demandas econômicas quanto às necessidades alimentares da comunidade. Por outro lado, Araguatins evidencia uma forte ênfase no comércio, com menor destaque para o consumo próprio, o que pode ser explicado por seu caráter mais urbanizado e maior integração com mercados regionais. Já Esperantina combina uma ampla diversidade de espécies com uma sobreposição significativa entre as categorias de interesse comercial e de consumo, destacando uma relação mais integrada entre captura, alimentação e mercado.

Essas diferenças sublinham a importância de compreender as dinâmicas locais da pesca artesanal, tanto para o desenvolvimento de estratégias de manejo sustentável quanto para a promoção de ações que conciliem a preservação ambiental, a segurança alimentar e a geração de renda. A análise detalhada dos padrões observados em cada localidade pode fornecer subsídios para intervenções que respeitem as especificidades culturais, econômicas e ecológicas de cada contexto.

Nesse cenário, é pertinente aprofundar a análise sobre as espécies citadas como de interesse principal para consumo ou para comercialização, identificando também aquelas que apresentam similar importância para ambas as destinações. Essa abordagem possibilita uma visão integrada das práticas pesqueiras e oferece uma base para discussões sobre seletividade, biodiversidade e estratégias de uso sustentável dos recursos aquáticos. Os tópicos a seguir exploram essas questões em maior detalhe, destacando as inter-relações entre o consumo familiar e o mercado.

DESTINAÇÃO DAS ESPÉCIES

A tabela 2 destaca as espécies mencionadas por nome popular em ordem alfabética, identificadas nas reuniões prévias e revisadas nos grupos focais como de interesse principal para comercialização e venda, quando citadas nas duas categorias foram consideradas pelos grupos como de mesmo peso para ambas as destinações. nela podemos observar que apenas cará, cari e piaú foram peixes citados como de igual importância para todas as comunidades abordadas. esse resultado pode demonstrar uma baixa correlação de interesses e destinações entre as comunidades, mas também pode indicar uma relação com a disponibilidade dessas espécies na bacia. as três espécies são de pequeno a médio porte, relativamente abundante, e ocorrem em vários ambientes. cará é um nome comum utilizado para várias espécies de ciclídeos de pequeno/médio porte, se alimenta principalmente de detritos, comuns nas áreas mais próximas às margens (Schneider, 2013). O cari também é um nome utilizado para várias espécies (*Hypostomus spp.*) de peixes cobertos com placas e que se alimentam de detritos no

fundo ou de algas e pequenos organismos aderidos às pedras, galhos e outras estruturas presentes nos ambientes aquáticos (Pessoa et. al., 2013). piau é o nome comum de várias espécies do gênero *Leporinus*, no estado do Tocantins, em quanto em outros estados amazônicos é chamado de aracu, representado por espécies de médio porte e corpo fusiforme, encontrados nas proximidades das margens dos rios se alimentando de larvas de insetos, detritos vegetais e sementes (Santos, 1982).

Quando falamos em espécies de interesse exclusivo de venda a comunidade de xambioá é a mais diversa, com 09 (nove) espécies que não foram citadas como interesse de consumo, sendo elas o barbado, um peixe de couro, que foi citada como de “cheiro forte” e chamada de “urubu d’água” o que cria uma aversão entres os pescadores para o seu consumo; a caranha, um peixe de escama, que foi descrita como de alto valor agregado e baixa captura atualmente, de tal modo que é prioritária a comercialização; a corvina, peixe de escama, que tem grande saída no mercado local sempre que ofertada; o filhote, peixes de couro, de grande porte, que também possui alto valor agregado; o jaraqui, a piranha e o tucunaré, peixes de escama, e o surubim e o mandi moela, peixes de couro. já as espécies exclusivas de consumo são o avoador, na comunidade chamado de avoante, a corvina, o mandi e a sardinha gato.

Tabela 2 - Destino preferencial das espécies citadas pelos pescadores

Espécie Popular	Xambioá		Araguatins		Esperantina	
	Consumo	Venda	Consumo	Venda	Consumo	Venda
Avoante (avoador)	X		X	X		X
Barbado		X	X	X		X
Bodó					X	X
Branquinha				X		X
Cachorra	X	X	X	X	X	
Cará	X	X	X	X	X	X
Caranha		X			X	X
Carí	X	X	X	X	X	X
Curimatã	X		X	X		X
Corvina		X	X	X		X
Fidalgo	X	X	X	X	X	
Filhote		X	X	X		X
Jaraqui		X	X	X	X	X
Ladina					X	X
Mapará			X			X
Mandi	X		X	X	X	
Mandi Moela			X	X	X	
Pacu		X	X	X	X	X

Piabanha					X	
Piau	X	X	X	X	X	X
Piranha		X		X		X
Sardinha Gato	X				X	
Surubim		X	X	X		X
Traíra						X
Tucunaré		X		X		X
Ubarana						X

Fonte: Autoras

Em Araguatins apenas 03 (três) espécies foram citadas com interesse exclusivo de venda sendo elas a branquinha que foi citada como de carne dura, a piranha com relatos de repulsa devido ao seu comportamento como danificação de redes e agressividade no abate e o tucunaré relatado como “peixe de turista” sendo capturado com foco na venda para visitantes durante a temporada de praia. para consumo foi citado o mapará descrito também como “roda rua” um modo informal de comunicar que esta espécie tem pouca saída no comércio local, de tal modo quando capturado é destinado para alimentação.

Sendo o município com maior diversidade de espécies presentes em seu dia a dia, a comunidade de Esperantina cita 12 (doze) espécies para destinação de comercialização e 05 (cinco) para consumo, a maior parte destinada ao comércio foi relatada como tal devido ao seu alto valor agregado e menor preferência de consumo pelo próprio sabor do peixe. Essa comunidade demonstrou uma maior tendência de manter para si os peixes que gostam em detrimento do valor de venda citando as espécies piabanha, ladina, caranha e surubim nessa classe, falando que essas espécies “se sobra vende”. A exceção a esse padrão de consumo é o filhote que devido a sua escassez é direcionado para o comércio assim que capturado pelo seu valor de venda alto. Essas diferenças evidenciam como fatores geográficos, ecológicos e culturais influenciam as escolhas comerciais e de consumo em comunidades pesqueiras.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DE HÁBITOS

Dentro dos grupos focais, além dos questionamentos sobre a destinação do pescado foi levantado também os conhecimentos dos participantes sobre alguns hábitos das espécies alvo, a fim de levantar o etnoconhecimento desses pescadores em relação a matéria prima de sua atividade.

HÁBITOS ALIMENTARES

Na metodologia aplicada as perguntas eram abertas e deixavam para os participantes o modo de descrição, de tal modo muitos nomes diferentes foram aplicados para descrever não só alimentações, como todos os fatores questionados, após a tabulação desses dados foram agrupadas em categorias resumidas, no caso dos hábitos alimentares dos peixes as categorias foram:

- “Carnívoro” - C: que por definição são espécies que predam outros peixes, que pelos pescadores foram descritos como se alimentando de “Peixes vivos, Outros Peixes” ou como “predador” em alguns casos até mesmo o termo aqui escolhido foi citado.
- “Detritívoro” - D: definidas como espécies que se alimentam de detritos orgânicos variados, relatados pelos pescadores como “Lama, Lodo, Folhas podres, Frutas Podre, Peixes mortos”
- “Herbívoro” - H: são os peixes que se alimentam exclusivamente de frutas e folhas, termos esses que foram utilizados pelos pescadores
- “Onívoro” - O: as espécies que consomem diversas classes de alimentos, sendo as citas pelos participantes “Lama, Lodo, Insetos, Ostra, Minhoca, Tucum, Madeira, Molusco” entre outras, lembrando que só entram nessa classificação aqueles com combinações das classes anteriores.

Nesse contexto a tabela 3 apresenta a classificação das espécies de acordo com os relatos das 3 comunidades. Para melhor entendimento das análises é importante ressaltar que 05 (cinco) das espécies foram citadas em apenas uma comunidade (Esperantina) e outras 05 (cinco) aparecem apenas em duas das três comunidades.

Das espécies citadas em todas as comunidades as seguintes apresentaram um consenso entre espécies carnívoras, sendo elas a cachorra, a corvina, o fidalgo, o filhote, a piranha, o surubim e o tucunaré e entre espécies onívoras sendo elas o avoador, o cará, o carí, o curimatã, o jaraqui, o mandi, as pacus e os pias com grupo maior. uma divergência relevante de ser destacada é que a comunidade de Xambioá ressaltou o barbado como detritívoro, com ênfase em consumo de carcaças de outros peixes, enquanto as comunidades de Araguatins e Esperantina o classificaram como carnívoro.

Tabela 3 - Relatos de hábitos alimentares das espécies

Espécie Popular	Xambioá				Araguatins				Esperantina			
	C	D	H	O	C	D	H	O	C	D	H	O
Avoante (avoador)				X				X				X
Barbado		X			X				X			
Bodó												X
Branquinha						X						X
Cachorra	X				X				X			
Cará				X				X				X
Caranha				X								X
Carí				X				X				X
Curimatã				X				X				X
Corvina	X				X				X			
Fidalgo	X				X				X			
Filhote	X				X				X			
Jaraqui				X				X				X
Ladina												
Mampará						X					X	

Mandi				X				X				X
Mandi Moela								X				X
Pacu				X				X				X
Piabanha											X	
Piau				X				X				X
Piranha	X				X				X			
Sardinha Gato	X								X			
Surubim	X				X				X			
Traíra									X			
Tucunaré	X				X				X			
Ubarana									X			

Fonte: Autoras

AMBIENTE DE DESOVA

Na mesma lógica de agrupamento em classes os ambientes de desova foram identificados como “Águas rasas” (AR) descritas pelos pescadores com os termos praia, areia, beiradão e raso; “Águas fundas com apoio” (AF) que engloba os termos pedral, fundo, loca, pau, poção; e “Áreas de alagamento” (AA) com os termos lago, mato, igarapé, varjão, afluente, pantanal caiapó. Além dessas classes em alguns casos os pescadores nunca tinham visto determinadas espécies desovarem, e para evitarem aferições incorretas declararam não saber (NS).

A tabela 4 apresenta como o grupo focal de Araguatins foi o que mais declarou não saber o ambiente de desova das espécies, sendo 11 (onze) no total, seguida da comunidade de Esperantina que declarou não saber 04 (quarto) e por último Xambioá com 03 (três).

Tabela 4 - Relatos de locais de desova das espécies

<i>Espécie Popular</i>	<i>Xambioá</i>				<i>Araguatins</i>				<i>Esperantina</i>			
	AR	AF	AA	NS	AR	AF	AA	NS	AR	AF	AA	NS
Avoante (avoador)	X							X	X			
Barbado		X					X		X			
Bodó											X	
Branquinha							X				X	
Cachorra				X				X				X
Cará			X				X		X			
Caranha		X										X
Carí		X				X					X	
Curimatã			X				X				X	
Corvina			X					X	X			
Fidalgo				X				X	X			
Filhote		X						X	X			

Jaraqui			X				X				X	
Ladina											X	
Mapará							X				X	
Mandi				X				X	X			
Mandi Moela								X	X			
Pacu			X					X	X			
Piabanha											X	
Piau			X					X			X	
Piranha			X					X			X	
Sardinha Gato			X									X
Surubim			X					X	X			
Traíra									X			
Tucunaré			X		X				X			
Ubarana												X

Fonte: Autoras

As Águas Rasas (AR) foram frequentemente citadas, particularmente em relação às espécies avoante (avoador), barbado, sardinha gato, e piranha, sugerindo que esses ambientes desempenham um papel central na reprodução de peixes que dependem de áreas abertas e pouco profundas para a desova. Esse padrão também se aplica a outras espécies, como o tucunaré e a curimatã, que utilizam consistentemente as águas rasas, reforçando a relevância desse tipo de habitat.

Por outro lado, as Águas Fundas com Apoio (AF) foram associadas a espécies que demandam características estruturais específicas para a reprodução, como o filhote e o surubim. Esses ambientes, caracterizados por substratos como pedrais e poções, possibilitam condições favoráveis para o desenvolvimento inicial das larvas e oferecem abrigo contra predadores. Assim, esses locais são essenciais para espécies de maior porte e de ciclo de vida mais complexo.

Já as Áreas de Alagamento (AA) foram particularmente citadas em relação a espécies como o cará, a curimatã e o jaraqui todos que foram também caracterizados como onívoros pelas comunidades. Esses ambientes servem como berçários naturais, garantindo proteção e alimentação para o desenvolvimento inicial dos peixes, principalmente para os de baixo cuidado parental.

Para, além disso, algumas espécies apresentaram registros na categoria “Não Especificados” (NS), como a ladina, a piabanha e a ubarana. Essa incerteza pode ser atribuída a diversos fatores, como o menor contato dos pescadores com essas espécies, sua raridade ou a dificuldade de observação direta de seus hábitos reprodutivos. Esses dados sugerem a necessidade de investigações mais detalhadas sobre as espécies menos conhecidas, bem como maior envolvimento dos pescadores no registro sistemático de informações ambientais.

Regionalmente, foi possível observar diferenças na distribuição das classes de desova entre as comunidades analisadas. Em Xambioá, os pescadores destacaram principalmente as Águas Rasas (AR), refletindo a predominância de ambientes abertos e pouco profundos na região. Em Araguatins, as Águas Fundas com Apoio (AF) tiveram maior relevância, o que pode estar relacionado ao esforço em peixes de maior porte descritos como de reprodução em tais locais. Por sua vez, em Esperantina, as Áreas de Alagamento (AA) foram predominantes, evidenciando o papel essencial das zonas alagadas no ciclo de vida das espécies locais, assim como uma característica geográfica do local que possui muitos desses ambientes.

Nesse contexto, a diversidade de ambientes de desova relatada reflete um profundo conhecimento ecológico dos pescadores e pescadoras artesanais e destaca a importância de habitats variados para a reprodução da ictiofauna da região. A categorização em Águas Rasas, Águas Fundas com Apoio e Áreas de Alagamento proporciona uma compreensão abrangente das necessidades reprodutivas das espécies, contribuindo para estratégias de manejo e conservação mais eficazes. Contudo, a categoria "Não Especificado" aponta para lacunas de conhecimento que podem ser preenchidas por meio de maior articulação entre as comunidades locais e a ciência, promovendo um diálogo integrado entre os saberes tradicionais e acadêmicos.

ÉPOCA DE DESOVA

A análise das épocas de desova das espécies relatadas pelas três comunidades estudadas revelou uma convergência significativa com os meses de defeso estipulados pela Portaria nº 215/2024 do Naturatins (novembro a fevereiro), embora algumas divergências pontuais tenham sido identificadas. Como demonstrado na tabela 5, os pescadores de Xambioá destacaram que espécies como o cará, o carí e as pacus apresentam padrões de desova parcelados, estendendo-se além do período de defeso, mas indo de encontro com o padrão observado por Camargo e Junior (2007) espécies de pacu. Essa particularidade inclui a temporada de estiagem, indicando que a reprodução dessas espécies não se restringe exclusivamente à temporada de chuvas.

Além disso, a análise do gráfico demonstra que a atividade reprodutiva de algumas espécies em Xambioá se inicia antes do período oficial de defeso. Observa-se que a partir de outubro, espécies como o jaraqui, o filhote, a curvina, o curimatá, o barbado e o avoante já começam a apresentar comportamentos reprodutivos, antecipando-se ao início oficial do defeso em novembro. Essa informação aponta para uma dinâmica reprodutiva complexa, em que fatores locais, como variações climáticas e hidrológicas, podem influenciar o ciclo reprodutivo das espécies, principalmente em um rio como o Araguaia que possui uma variação de vazão muito grande durante o ano, completamente natural e sem influência de barramentos antrópicos (Morais, 2018).

Contudo, também foi relatada a presença de desovas esporádicas fora desse período, especialmente em espécies como cará, cari e as pacus, reforçando a importância de considerações locais no manejo pesqueiro.

A tabela 5 também evidencia o pico de atividade reprodutiva em janeiro e fevereiro nas 3 comunidades, o que está alinhado com o período de maior proteção estabelecido pela legislação. Esses meses concentram o maior número de espécies em fase reprodutiva, destacando a relevância do defeso para a manutenção das populações aquáticas.

Em síntese, os dados indicam que, embora exista uma convergência geral com as regulamentações ambientais, as particularidades locais apontadas pelos pescadores revelam a necessidade de ajustes e maior flexibilidade na aplicação das normas de manejo. A antecipação do período reprodutivo de algumas espécies em Xambioá, por exemplo, sugere que uma revisão dos critérios de defeso pode ser necessária para contemplar as variações regionais e garantir a preservação efetiva da biodiversidade aquática. Além disso, as práticas de monitoramento participativo, envolvendo pescadores locais, podem ser fundamentais para aprimorar a gestão sustentável dos recursos pesqueiros na região amazônica.

Em Araguatins apenas duas espécies se reproduzem fora da piracema, sendo elas as pacus e o tucunaré. É importante também citar que das 3 (três) comunidades abordadas Araguatins é a mais urbanizada e a que menos declarou buscar a pesca para alimentação própria, sempre focando nas espécies de maior produtividade e lucro dentro do contexto do exercício de sua atividade, o que pode influenciar as observações feitas pelos mesmos.

Quando falamos de Esperantina as informações sobre os padrões de desova das espécies citadas pelos pescadores da comunidade, destacando os meses do ano em que a atividade reprodutiva é mais relatada. Quando analisamos as observações feitas pelos pescadores durante a aplicação da metodologia em conjunto com os dados do gráfico, confirma-se a percepção de que algumas espécies, como o bodó, o carí, o tucunaré, o cará, o avoador, o fidalgo, os piau e a curvina, apresentam atividade de desova distribuída ao longo do ano.

Tabela 5 - Distribuição da desova de acordo com os pescadores e pescadoras

Comunidade	Espécie	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Xambioá	Avoante	X									X	X	X
	Barbado	X	X								X	X	X
	Cachorra	X	X									X	X
	Cará			X				X	X				
	Carí	X	X				X		X	X			
	Curimatá	X	X								X	X	X
	Curvina	X	X								X	X	X
	Filhote	X	X								X	X	X
	Jaraqui	X	X								X	X	X
	Pacu	X	X				X		X				
	Piau	X	X									X	X
	Piranha	X	X									X	X
	Sardinha Gato	X	X									X	X
	Surubim	X	X									X	X
	Tucunaré												
Araguatins	Curvina												
	Pacu	X	X	X							X	X	X
	Piau	X	X									X	X
	Curimatá	X	X									X	X
	Avoador	X	X									X	X
	Cará	X	X									X	X

Esperantina	Jaraqui	X	X										X	X
	Branquinha	X	X										X	X
	Mampará	X	X										X	X
	Mandi Moela	X	X										X	X
	Tucunaré								X	X	X			
	Carí	X	X										X	X
	Mandi	X	X										X	X
	Curvina	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Pacu								X	X				
	Piau	X	X										X	X
	Fidalgo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Curimatá	X	X										X	X
	Avoador	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Cará	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Jaraqui	X	X										X	X
	Piabanha	X	X										X	X
	Branquinha	X	X										X	X
	Mampará	X	X										X	X
	Piranha	X										X	X	
	Barbado	X	X	X									X	X
	Mandi						X	X	X					
	Mandi Moela						X	X	X					
	Tucunaré	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Carí	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Bodó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Caranha	X	X										X	X
	Surubim													
	Traíra													

Fonte: Autoras

No entanto, a tabela também reforça o papel crucial da época do defeso, evidenciando picos de desova nos meses de piracema, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, quando número de espécies desovando é mais alta. Isso indica que, embora algumas espécies possam desovar em qualquer mês, o período do defeso continua sendo central para a reprodução de muitas delas. Assim, o comportamento reprodutivo identificado pelos pescadores, de “desova o ano inteiro”, está mais relacionado à possibilidade de ocorrência esporádica em diferentes períodos, e não a uma atividade contínua e uniforme ao longo do ano.

RELATOS DE PADRÃO DE CAPTURA

Os grupos focais também abordaram os conhecimentos dos pescadores sobre os ambientes, épocas e métodos de captura, essa etapa teve como objetivo descrever a visão dos pescadores em relação ao comportamento dos peixes no objetivo principal de sua atividade, a produtividade das espécies de interesse.

AMBIENTE DE CAPTURA

Quando abordados sobre os ambientes mais favoráveis para a captura (tabela 6) os pescadores de Xambioá demonstraram um detalhamento amplo e variado dos ambientes de captura, citando desde áreas de fluxo intenso, como corredeiras e pedrais, até ambientes mais calmos, como lagos e beiras de praia. Essa diversidade reflete o conhecimento específico das dinâmicas locais do rio, associado ao comportamento das espécies e à sazonalidade. Espécies como o surubim e a cachorra, por exemplo, foram relacionadas a ambientes de correnteza o que vai de encontro com seus hábitos alimentares carnívoros que a comunidade também descreveu, enquanto outras, como o cará e o curimatá, aparecem em locais mais variados, como lagos e pedrais, propícios para espécies descritas como onívoras que buscam refúgio de grandes predadores e abundância de alimentos diversos.

Em Araguatins, foi observado descrições mais generalistas nos ambientes relatados, com destaque para o meio do rio, remansos e beiradas. A maior abrangência das descrições pode estar relacionada à diversidade de habitats disponíveis na região ou a uma percepção mais ampla da utilização do espaço aquático pelos pescadores, assim como o perfil mais urbano e produtivista da colônia local, que apresenta apenas um ponto de desembarque uma menor ocorrência de pescadores de barranco devido a característica do acesso ao rio que é feito a partir da orla principal que possui alto nível de antropização, com altos aterros e comércios em sua extensão. espécies como o filhote e o mandi moela são relatadas em áreas de maior profundidade e fluxo médio, enquanto outras, como o pacu e o fidalgo, aparecem em pedrais e corredeiras, evidenciando o conhecimento das condições favoráveis para diferentes espécies.

Na comunidade de Esperantina, as descrições refletem uma forte conexão com ambientes como praias, pedrais e fundos de rios. Espécies como o bodó e a ubarana são associadas a pedrais e fundos, enquanto outras, como o jaraqui e a curimatá, são mencionadas em lagos e margens. a citação de ambientes específicos, como "pé de fruta" para o pacu e "galha" para o tucunaré, destaca o uso de referências locais e uma percepção detalhada das interações entre fauna e flora nos ecossistemas aquáticos, para além de uma visão exclusivamente produtivista, o que faz sentido considerando que a colônia de Esperantina é a com maior número de pescadores que também são moradores de áreas rurais com acesso direto ao rio, proporcionando observações mais cotidianas e profundas do ambiente no qual estão inseridos como profissão.

Tabela 6 - Relatos dos ambientes de captura nas comunidades de estudo

Espécie	Xambioá	Araguatins	Esperantina
Avoante (avoador)	Gorgulho, Praia, Beirada	Todo rio	Praia
Barbado	Beira de Praia, Gorgulho	Meio do Rio, Sequeiro	Todo lugar
Bodó			Pedral, Praia
Branquinha		Lago, beirada, Sequeiro	Lago
Cachorra	Corredeira	Corredeira, Beirada	Correnteza
Cará	Lago e Gorgulho	Beirada, Pedral, Lago	Praia, Pantanal, Pedral

Caranha	Mato, Corredeira		Cachoeira, Correnteza
Carí	Pedral, Raso, Corredeira	Pedral, sequeiro	Pedral, Praia
Curimatá	Lago	Pedral, Lago	Toda margem do rio
Curvina	Água parada, Mato	Remanso	Gorgulho, Fundo, Praia
Fidalgo	Pedral, Gorgulho	Corredeira, Boca de Grotá	Corredeira, pedral
Filhote	Fundo	Meio do rio, Furão	Remanso, Fundo, Correnteza
Jaraqui	Lago, Pedral, Cachoeira	Pedral, Lago	Pedral, Lago
Ladina			Pé de fruta
Mapará		Meio do rio	
Mandi	Remanso, mato	Água Suja, Meio do rio	Remanso
Mandi Moela		Meio do rio	Remanso
Pacu	Gorgulho, Mato	Pedral	Gorgulho, Pé de fruta, Corredeira
Piabanha			Rio, Igarapé
Piau	Pedral, Gorgulho, Mato	Pedral, Boca de Grotá, Beiradão	Pedral
Piranha		Todo rio	Todo lugar
Sardinha Gato	Todo rio		Correnteza
Surubim	Corredeira	Beirada, Praia, Pedral, Sequeiro	Poção, Lago fundo
Traíra	Gorgulho, Mato, beiral		Lama, Lago, açude
Tucunaré	Ponta de praia, Lago	Boca de Lago, Sequeiro	Galha, sequeiro
Ubarana			Praia, Fundo

Fonte: Autoras

Os dados demonstram que algumas espécies apresentam uma ampla sobreposição nos ambientes de captura entre as comunidades. Por exemplo, o fidalgo e o piau são frequentemente associados a pedrais e corredeiras em todas as localidades. Em contrapartida, espécies como o bodó, a ladina e a piabanha, citadas exclusivamente em Esperantina, demonstram uma especificidade geográfica ou cultural na relação com o ambiente de pesca.

É relevante também destacar a diferenciação de ambientes entre as comunidades para uma mesma espécie. Um forte exemplo é o surubim, que em Xambioá é relatado em corredeiras, enquanto em Esperantina aparece em "poções" e lagos fundos e em Araguatins em beiradas, praias, pedrais e sequeiro. Essas variações podem ser atribuídas às diferenças nas condições ambientais regionais, como profundidade, correnteza e composição do leito do rio.

A tabela 6 também evidencia como o etnoconhecimento dos pescadores é moldado por suas interações seu ambiente, que mesmo que geograficamente próximos, já que algumas das suas rotas de pesca chegam a se sobrepor na região (Ummus, Silva e Paz. 2018) apresentaram divergências em suas observações, destacando a importância da manutenção e preservação desses ecossistemas tão diversos e sensíveis. A variabilidade dos habitats citados reflete tanto a riqueza da biodiversidade local quanto a adaptabilidade dos pescadores às condições ecológicas. Contudo, a pressão sobre os ambientes específicos, como pedrais e praias, frequentemente citados, pode gerar desafios para a sustentabilidade a longo prazo.

Além disso, a diversidade de termos utilizados para descrever os ambientes, como “gorgulho”, “furão”, “sequeiro” e “pé de fruta”, ressalta a existência de uma comunicação própria e característica tanto da região, quanto da atividade, reforçando a importância de respeitar e incorporar os saberes locais no planejamento de políticas públicas voltadas à gestão de recursos hídricos e à pesca artesanal.

ÉPOCA DE CAPTURA

Quando abordados sobre as melhores épocas para captura das espécies alvo os pescadores de Xambioá se utilizaram majoritariamente da descrição dos meses de ocorrência e do relato que aparecem durante todo o ano, isso está demonstrado na tabela 7, mas é importante que também foi usado o termo “baixar das águas” para se referir ao começo da época de seca, geralmente nos meses de junho e julho.

As espécies cará, caranha, curimatá, curvina, jaraqui, pacu, piaui, piranha, surubim e tucunaré foram descritas com um padrão de captura contínuo ao longo do ano, indicando uma alta adaptabilidade ecológica e sua relevância como fonte de subsistência alimentar e renda para os pescadores. Essa constância reforça o papel essencial dessas espécies na estabilidade econômica e social das comunidades locais, além de ressaltar sua resiliência ecológica em diferentes períodos do ciclo hidrológico.

Tabela 7 - Distribuição temporal de captura das espécies

Comunidade	Espécie	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Xambioá	Avoante (avoador)						X	X	X				
	Barbado						X	X	X	X			
	Cachorra						X	X	X	X			
	Cará	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Caranha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Carí						X	X	X	X	X		
	Curimatá	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Curvina	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Filhote			X	X	X							
	Fidalgo						X	X					
	Jaraqui	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Mandi		X	X	X	X	X						
	Pacu	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

	Piau	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Piranha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Sardinha Gato	X	X							X	X	X	
	Surubim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Tucunaré	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Araguatins	Curvina	X	X									X	X
	Pacu						X	X	X	X			
	Piau	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Fidalgo						X	X	X	X			
	Curimatá	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Avoante (avoador)						X	X	X	X			
	Cará	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Filhote	X	X									X	X
	Jaraqui	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Branquinha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Mampará					X	X	X					
	Piranha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Barbado	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Mandi Moela	X	X									X	X
	Tucunaré	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Cari						X	X	X	X			
	Cachorra						X	X	X	X			
	Surubim						X	X	X	X			
	Mandi	X	X									X	X
Esperantina	Curvina	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Pacu	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Piau						X	X	X	X			
	Fidalgo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Curimatá	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Avoante (avoador)							X	X				
	Cará	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Filhote	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Jaraqui						X	X	X	X			
	Piabanha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Ladina	X	X									X	X
	Branquinha	X	X									X	X
	Mampará	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Piranha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Barbado	X	X									X	X
	Cachorra	X	X									X	X
	Sardinha Gato	X	X									X	X
	Mandi	X	X									X	X
	Mandi Moela	X	X									X	X

	Tucunaré					X	X	X					
	Carí	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Bodó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Caranha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Surubim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Traíra	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Autoras

Outras espécies apresentam padrões de captura sazonal, com ocorrência restrita a períodos específicos do ano. O avoador (avoador), por exemplo, é capturado principalmente entre setembro e novembro, no que eles chamam de “temporada” quando grandes cardumes se movimentam subindo o rio (contrários a corrente) o que facilita a captura em grande quantidade com o uso de petrechos como rede de emalha e tarrafa. O barbado e a cachorra concentram capturas nos meses de setembro a dezembro, o que pode estar relacionado a mudanças no comportamento migratório assim como o início da movimentação para os seus locais de reprodução. O filhote, por sua vez, é registrado predominantemente em março e abril, indicando uma possível relação com o início da seca, um dos pescadores relatou que “com menos água eles não se escondem tanto e é mais fácil de achar” demonstrando que a época de seca favorece a captura pela dinâmica hidrológica do rio Araguaia. Espécies como o fidalgo e o carí são mais frequentemente capturadas em agosto e setembro, o que pode refletir a transição sazonal com o que eles chamam de “subir das águas”.

A análise dos dados revela que os meses de setembro a dezembro apresentam a maior diversidade de espécies capturadas, coincidindo com a transição entre o período seco e o chuvoso, momento em que as espécies exibem maior mobilidade. Em contrapartida, os meses de março a julho, correspondentes à fase de maior estabilidade hidrológica, demonstram menor diversidade de espécies sazonais, sendo dominados pelas capturas de espécies contínuas, como cará, caranha e piranha. Essa sazonalidade reflete não apenas as características dos ciclos naturais, mas também a adaptação estratégica dos pescadores ao comportamento das espécies e às mudanças ambientais.

A tabela 7 demonstra uma relação clara entre os períodos do ciclo hidrológico, que foram descritos no grupo focal com os termos “Rio Cheio”, “Seca”, “Baixar das Águas” e a presença das espécies em Araguatins. Espécies como o piau, curimatá, cará, jaraqui, branquinha, piranha, barbado e tucunaré são classificadas como “Ano Todo”, indicando uma maior plasticidade ecológica e adaptabilidade a diferentes condições ambientais, o que pode ser associado ao uso de variados habitats e estratégias de reprodução ao longo do ano.

Por outro lado, as espécies avoador, cachorra, carí, fidalgo, a classe de pacus e o surubim apresentam ocorrência concentrada nos meses de maior seca (junho a setembro), sugerindo tanto uma maior procura nessa época quanto maior disponibilidade das espécies. As espécies citadas tem uma procura significativa pelos turistas que se movimentam para a temporada de praias temporárias do rio Araguaia, que é forte no município, podendo ser um fator de influência. Já espécies como a curvina, o filhote, o mandi e o mandi moela tiveram destaque durante a época de chuva, as mesmas também foram citadas como de interesse de consumo próprio, o que pode estar relacionado com sua ênfase nos meses de defeso.

Essas dinâmicas demonstram que a captura de determinadas espécies não está ligada apenas a sua disponibilidade, mas também ao interesse sobre o recurso pesqueiro em foco, seja para consumo ou comercialização, demonstrando como a pesca é dinâmica e dependente de diversos fatores nessa região.

Esperantina que possui a maior quantidade de espécies foco relatadas apresenta na tabela 7 espécies de captura continua durante todo o ano o bodó, o cará, a caranha, o carí, o curimatá, a curvina, o fidalgo, o filhote, o mapará, a classe de pacu, a piabanha, a piranha (preta e vermelha), o surubim e a traíra. Tal regularidade sugere sua adaptabilidade e resiliência às variações ambientais, além de seu papel central na dieta e economia das comunidades ribeirinhas.

Por outro lado, espécies como o piau, avoador, tucunaré e ladina apresentam períodos específicos de captura, destacando sua sazonalidade. O avoador, por exemplo, é registrado apenas nos últimos meses do ano, o que pode estar relacionado a fatores como migração ou padrões reprodutivos. Já o piau concentra-se nos meses do segundo semestre, o que pode coincidir com mudanças no regime hidrológico ou disponibilidade de habitats ideais.

Algumas espécies, como a mapará, apresentam uma distribuição regular ao longo do ano, mas com variações em sua intensidade de captura. Isso reflete seu comportamento adaptativo em diferentes períodos, alinhado às dinâmicas dos rios e das áreas de alagamento. Espécies menos representativas em frequência de captura, como a ubarana, não têm relatos, uma vez que durante o grupo focal os pescadores apontaram um alto decaimento da sua produção surgindo apenas de modo extremamente ocasional.

O papel do etnoconhecimento é novamente evidenciado na precisão das informações fornecidas na junção da comunidade. Esses dados não apenas destacam a relação das comunidades com as espécies locais, mas também fornecem uma base crucial para práticas de manejo sustentável e políticas públicas voltadas à conservação dos recursos naturais e à valorização do conhecimento tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas, observa-se que a pesca nas comunidades do Bico do Papagaio revela tanto semelhanças quanto distinções, especialmente quando analisadas individualmente. Em Araguatins, comunidade mais urbanizada, há maior diversidade de espécies voltadas à venda, enquanto em Esperantina predominam as espécies destinadas ao consumo, mesmo quando possuem alto valor de mercado. Essa preferência pode refletir uma relação mais próxima com os recursos naturais disponíveis.

O conhecimento sobre as épocas de desova mostra-se relevante para a sustentabilidade da pesca e o cumprimento das legislações ambientais. Em Xambioá e Araguatins, esse saber tradicional coincide, em grande parte, com o período de defeso, exceto nos casos de espécies com “desova parcelada”. Em Esperantina, mais espécies foram citadas com desova fora do período estabelecido como de piracema, possivelmente devido à atuação da comunidade em

dois rios e na confluência entre eles, o que pode alterar os padrões reprodutivos ou refletir respostas adaptativas às transformações ambientais na bacia — um fenômeno que merece investigação mais aprofundada.

Quanto aos hábitos alimentares das espécies, os relatos foram amplamente coerentes entre as comunidades, revelando um conhecimento que contribui para o sucesso das capturas ao orientar a escolha de iscas e petrechos. Além disso, todas relataram a existência de espécies com captura contínua e outras com aparições sazonais, refletindo tanto aspectos biológicos quanto a adaptação das práticas pesqueiras às dinâmicas ecológicas locais.

Tais observações evidenciam que a pesca artesanal vai além de sua função econômica, configurando-se como prática enraizada no saber tradicional e nas especificidades socioambientais da região. Ressalta-se, assim, a importância de construir políticas públicas e estratégias de gestão baseadas em diálogo com as comunidades que vivenciam essas realidades cotidianamente.

Agradecimentos

À minha orientadora. Ao apoio financeiro recebido da CAPES. Ao meu pai, à minha mãe e as minhas irmãs.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. De. Pesca, consumo de proteínas e economia no rio Xingu, Amazônia Brasileira. Orientadora: Victoria Isaac. 2018. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca do Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará, Pará, 2018. Disponível em: https://ppgeap.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/2018/PPGEAP_TESE_Morgana%20Carvalho%20de%20Almeida_2018.pdf Acesso em: 22 dez. 2024.

ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare enfermagem*, v. 9, n. 1, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v9i1.1700>

CAMARGO, M.; JÚNIOR, W. M. A. L. Aspectos da biologia reprodutiva de seis espécies de peixes de importância comercial do médio Rio Xingu—bases para seu manejo. *Scientific Magazine UAKARI*, v. 3, n. 1, p. 64-77, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. (2019). Análise de discurso: em busca de uma metodologia. *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 7(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/46086>. Acesso em: 29 out. 2023

CORREIA, M. da C. B. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar enfermagem*, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009. (Acesso: 19 de abr. 2024) DOI: <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v13i2.32>

DINIZ, C. R. *Metodologia científica* / Célia Regina Diniz; Iolanda Barbosa da Silva. – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

GONDIM, S. M. G. FISCHER, T. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. **Cadernos gestão social**, v. 2, n. 1, p. 9-26, 2009.

HALLWASS, G.; LOPES, P. F.; JURAS, A. A.; SILVANO, R. A. M. Fishers' knowledge identifies environmental changes and fish abundance trends in impounded tropical rivers. **Ecological Applications**, v. 23, n. 2, p. 392-407, 2013.

MORAIS, R. S. de O. **Análise da geomorfologia fluvial do sistema Araguaia-Javaés a partir de sensoriamento remoto**. 2018. 60 f. TCC (Graduação de Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

PESSOA, E. K. R.; SILVA, B. da; CHELLAPPA, N. T.; SOUZA, A. A. de; CHELLAPPA, S. Morfologia comparativa do trato digestório dos peixes hoplias malabaricus hypostomus pusearum do açude Marechal Dutra, Rio Grande do Norte, Brasil. 2013. **Biota Amazônia Open Journal System**. DOI: <http://dx.doi.org/10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v3n1p48-57>

QUIRINO, G. da S. Saber científico e etnoconhecimento: é bom pra quê?. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, p. 273-283, 2015.

RAMALHO, C. W. N. A formação histórica da pesca artesanal: origens de uma cultura do trabalho apoiada no sentimento de arte e de liberdade. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 24, n. 2, 2008.

SANTOS, G. M. dos. Caracterização, hábitos alimentares e reprodutivos de quatro espécies de "aracus" e considerações ecológicas sobre o grupo no lago Janauacá-AM.(Osteichthyes, Characoidei, Anostomidae). **Acta Amazonica**, v. 12, n. 4, p. 713-739, 1982. <https://doi.org/10.1590/1809-43921982124713>

SCHNEIDER, C. H. **Mapeamento cromossômico comparativo de ciclídeos amazônicos utilizando sequências repetitivas de DNA**. 2013. 121 f. Tese (Doutorado em biologia de água doce e pesca interior) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, AM, 2013

SILVA, A. P. da. Pesca artesanal brasileira: aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. 2014. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 3**. EMBRAPA – Pesca e Aquicultura. ISSN 2358-6273.

SILVA, A. P. da; MUNOZ, A. E. P.; PORRO, R.; MENDES, O. DA R.; SILVA, F. O.; COSTA, A. DA C. A importância da participação na eleição de problemas prioritários da pesca artesanal no médio Araguaia, Tocantins, Brasil. **Foro Iberoamericano de los Recursos Marinos y la Acuicultura**, 12. p. 726-741. 2024

SILVA, J. C. da; ARAÚJO, A. D. de. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 5, n. 1, p. 17–31, 2017. DOI: 10.30620/gz.v5n1.p17. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3492>. Acesso em: 29 out. 2023.

UMMUS, M. E.; DA SILVA, A. P.; PAZ, LR de S. Mapeamento participativo das rotas de pesca na margem tocantinense do rio Araguaia. **XIX Encontro Nacional de Geógrafos**. ISBN: 978-85-99907-08-5. 2018.